

**MIGRAÇÕES E A “Ótica Racial Transnacional”: BRASIL,  
ESTADOS UNIDOS E A (RE)CONSTRUÇÃO DOS ENTENDIMENTOS  
SOBRE RAÇA**

**MIGRATIONS AND THE “RACIAL TRANSNATIONAL PERSPECTIVE”:  
BRAZIL, USA AND THE (RE)CONSTRUCTION OF THE UNDERSTANDINGS  
ON RACE**

JOSEPH, Tiffany D. *Race on the Move: Brazilian Migrants and the Global Reconstruction of Race*. Palo Alto: Stanford University Press, 2015.

Por

*Bruna Cristina Jaquetto Pereira<sup>1</sup>*

Do fato de que a diferenciação da humanidade em raças exista apenas no âmbito sociocultural - e não como construção biológica (ROYAL; DUNSTON, 2004) - derivam algumas das mais fascinantes investigações do campo das ciências sociais. Os pesquisadores do tema encontram à sua frente o desafio de compreender as variadas formações raciais (OMI; WINANT, 1994), isto é, de contemplar semelhanças e contrastes na maneira como diversas sociedades, a cada época, atribuem significados a traços fenotípicos; como articulam, a partir destas características, os grupos raciais que as integram; e como se estruturam as relações sociais entre eles. Implícitas ou explícitas, as comparações entre Brasil e Estados Unidos ocupam o cerne dos

1 Doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), Brasil. Email: brunacjpereira@gmail.com

estudos sobre as relações raciais entre negros e brancos a partir da escravização de africanos no Novo Mundo, e alicerçam mesmo os discursos hegemônicos sobre raça e a autoimagem de cada um dos países.

*Race on the Move: Brazilian Migrants and the Global Reconstruction of Race* vale-se desta tradição comparativa superando, contudo, a tendência de se abordar as duas sociedades como contextos raciais estáticos e isolados. Na obra, Tiffany D. Joseph apresenta os resultados da pesquisa que realizou entre 2007 e 2008 em Governador Valadares, cidade mineira que concentra o maior número de migrantes brasileiros para os Estados Unidos nos últimos 60 anos. Por meio de entrevistas a 73 valadarenses (49 migrantes e 24 locais), a socióloga estadunidense investiga como a experiência de migração ao país do norte e de retorno à cidade influencia as classificações e relações raciais na cidade - tomadas como amostra das classificações e relações raciais brasileiras. Ao explorar as movimentações e trocas entre Brasil e Estados Unidos, sua análise tem por pano de fundo a seguinte questão: se os ideais e esquemas raciais são diferentes em cada sociedade, e se pessoas se movimentam cada vez mais entre sociedades, como as experiências de migração reconfiguram as formações raciais locais?

Para capturar as nuances do processo, a autora vale-se do conceito de “ótica racial transnacional”, que define como “uma lente”, de caráter sócio-psíquico, segundo a qual os migrantes “observam, negociam e interpretam raça” (JOSEPH, 2015, p. 7), baseando-se simultaneamente em ideais raciais articulados na sociedade de origem e na de destino, e que são formados transnacionalmente. Joseph afirma que cinco são os fatores que integram a ótica racial transnacional: 1) a socialização racial no Brasil, que molda as compreensões dos migrantes sobre raça; 2) as diferenças nos esquemas raciais entre a sociedade de origem e a sociedade de destino; 3) os vínculos entre o contexto social de origem e o país anfitrião, que proporcionam trocas

de conhecimentos sobre raça durante as diferentes etapas da migração; 4) o enquadramento étnico-racial do migrante, ou seu fenótipo, que faz diferença para a forma como será classificado racialmente e para experiências de discriminação em ambos os países; 5) o retorno ao país natal, que proporciona uma reformulação da maneira como os migrantes contemplam as normas raciais na sociedade de origem.

Seis capítulos de objetivos bem-definidos e organizados em sequência lógico-temporal apresentam a minuciosa pesquisa empreendida por Joseph. No Capítulo 1, a autora discorre sobre a história de Governador Valadares e sobre o vínculo da cidade com os Estados Unidos. O leitor é informado que a presença americana na região tornou-se significativa entre as décadas de 1940 e 1960 devido à extração de mica e à implementação de um projeto de combate à malária financiado pelo governo dos Estados Unidos. Foram as redes interpessoais então constituídas que facilitaram a massiva imigração de valadarenses aos Estados Unidos a partir de 1980, quando o Brasil enfrentou uma forte crise econômica. Desde então, a migração para o país do norte é percebida pela população local como uma oportunidade de ascender socialmente. Sobre as relações raciais locais, Joseph destaca que prevalece no discurso popular a ideia de que Minas Gerais é menos racista do que outros estados brasileiros; a associação causal entre “mistura de raças” e “ausência de racismo” - parte do ideário da democracia racial; que a classificação racial baseia-se na aparência (ao contrário dos Estados Unidos, onde vale a descendência); e a forte estratificação socioeconômica que mantém a população negra na base da pirâmide social. Segundo a autora, as primeiras impressões sobre a formação racial estadunidense são adquiridas através da mídia e de conversas com migrantes retornados, antes da viagem ao país estrangeiro.

Os capítulos 2 e 3 são dedicados à experiência dos entrevistados nos Estados Unidos. Enquanto o segundo aborda o processo de

reinterpretação das categorias classificatórias e de como decifram sua inscrição nelas, o terceiro tem por foco a vivência das relações raciais em si. Em sua chegada aos Estados Unidos, os imigrantes brasileiros precisam compreender o que significam as categorias raciais vigentes, as diferenças em relação ao esquema racial brasileiro, e como elas se aplicam a si próprios. A percepção externa os informa e posiciona sobre o esquema racial local, e os obriga a rever a forma como se identificavam racialmente antes da viagem. Os principais estranhamentos encontrados pelos brasileiros referem-se ao que consideram ser uma “obsessão” americana com a classificação racial e à impossibilidade de inscrever-se simultaneamente em mais de uma categoria. Os imigrantes brancos são classificados majoritariamente como latinos ou hispânicos - portanto, como não-brancos. Por outro lado, algumas pessoas que se viam como brancas ou pardas são percebidas como negras. A relação dos migrantes com as identidades concernentes à América Latina mostram-se um tanto complexas e associada às diferentes formas como elas são racializadas. Enquanto os brasileiros em geral tendem a se distanciar das categorias latinos e hispânicos, devido à estigmatização dos que são classificados como tal nos Estados Unidos e a uma ideia de superioridade e excepcionalidade brasileira, alguns rejeitam particularmente a categoria hispânicos - associadas a países de maioria não-branca - e favorecem a categoria latinos - percebida como pertinente a países majoritariamente brancos.

No terceiro capítulo, Joseph indica como os conceitos e percepções sobre raça internalizados pelos brasileiros, no contexto de sua socialização, orientam a sua leitura do contexto americano. É com base neles que os imigrantes apreendem a segregação entre negros e brancos no âmbito das amizades, dos relacionamentos afetivos e também quanto aos lugares de residência, por exemplo, que consideram prevalentes na sociedade estadunidense e inexistentes no Brasil. A autora argumenta que as noções que encontra sobre o esquema racial

brasileiro derivam de uma visão fundada em um ideário de democracia racial. Em contraposição a este, dados e pesquisas anteriores são apresentados e contribuem para a construção de um quadro mais fidedigno. Adicionalmente, sempre em contraste com a sua opinião sobre os negros brasileiros - tomados por pobres, incultos e violentos -, os negros americanos são vistos pelos entrevistados como ricos, bonitos, bem-sucedidos e politicamente ativos; porém, são também considerados racistas em relação a outros grupos raciais - especialmente em relação aos brancos. Aqui, a autora interfere novamente para ponderar distinções entre impressões e fatos.

O conteúdo mais denso do livro é encontrado a partir do capítulo 4, quando a incorporação da experiência de retorno dos migrantes a Governador Valadares adiciona uma nova camada de complexidade às análises. No quarto capítulo, Joseph aborda a maneira como as classificações raciais são renegociadas na ocasião de sua volta ao contexto valadarense - este também em curso de alteração, sobretudo em virtude dos impactos de políticas de Ações Afirmativas para ingresso de estudantes negros em universidades públicas. No seu regresso à cidade mineira, a ótica racial transnacional é mobilizada pelos entrevistados, na medida em que os retornados utilizam parcialmente o esquema racial americano para repensar o contexto local. Misturado com o brasileiro, ele constitui a base da reavaliação de sua própria classificação racial quando voltam à sua cidade de origem - em geral, de maneira inconsciente. Mesmo quando tornam a utilizar a classificação na qual se viam antes da viagem, a experiência internacional parece alterar a sua compreensão sobre o conteúdo das categorias raciais. Assim, aquelas pessoas que se denominavam brancas antes da migração e que se classificavam como latinas ou hispânicas nos Estados Unidos voltaram a se classificar como brancas em seu retorno a Governador Valadares. Porém, elas percebem uma grande diferença na categoria "brancos" aqui e lá, tendo em vista que

os brancos americanos são “mais brancos”, ou seja, que a categoria é mais exclusiva. Ao mesmo tempo, algumas das pessoas que a autora entrevistou passaram a classificar como “negras” após o seu retorno, ainda que não se vissem como tal antes da migração.

Neste ponto, Joseph expõe alguns de seus próprios encontros e estranhamentos com o modelo das relações raciais brasileiras. Isso fica visível, por exemplo, quando a autora versa sobre o fato de que a exposição das pessoas ao sol ou a falta dela, durante o período em que viveram nos Estados Unidos, pode mudar a forma como são racialmente percebidas e classificadas, com preferências pelos tons mais claros. Para o público brasileiro, tais comentários contribuem para tornar visíveis aspectos da formação racial nacional que, muitas vezes, são tomados como dados. Além disso, a socióloga se vê às voltas com as dificuldades de obter declarações sobre raça e racismo junto a seus entrevistados, tendo em vista que a etiqueta racial brasileira postula que este é, por si só, um comportamento racista. Estudiosos das relações raciais brasileiras podem se beneficiar deste compartilhamento das dificuldades encontradas no trabalho de campo, pois ele torna visível a necessidade do emprego de estratégias metodológicas adequadas aos protocolos de conduta locais.

O próximo capítulo avalia as perspectivas dos retornados sobre as relações raciais brasileiras, consideradas quanto aos seguintes temas: democracia racial, racismo e estratificação social. A autora encontra aqui algumas diferenças significativas nas respostas de brancos e pardos de pele clara, por um lado, e de pretos, por outro, o que lhe permite afirmar que a posição inicial dos informantes no esquema de hierarquias raciais é relevante para a maneira como a ótica racial transnacional é operacionalizada. Assim, embora todos reconheçam o Brasil como um país racista, o primeiro grupo tende a aderir aos postulados do discurso de democracia racial, além de defender o argumento de que a mistura racial extensiva é indicativa das relações raciais mais amenas

no Brasil. Tais convicções, já vigentes antes da migração, são reforçadas pela observação da segregação residencial e pela experiência de ser discriminado no país estrangeiro. Pretos e pardos de pele mais escura, por sua vez, estiveram mais propensos a afirmar que as relações raciais entre negros e brancos no Brasil não são amenas e que as relações inter-raciais não são tão comuns quanto o discurso prevalente quer fazer crer. Em geral, eles já dispunham dessa visão antes de viver nos Estados Unidos, mas ela foi deveras fortalecida quando os migrantes constataram a maior inserção de negros americanos na classe média e em posições de destaque em relação aos negros no Brasil, o que lhes tornou mais evidente a marginalização destes.

De fato, uma das mais notáveis diferenças percebidas entre os dois países encontra-se na articulação entre raça e classe. No Brasil, os entrevistados encontram uma forte associação entre condições sócio-econômicas e aparência física, com traços como cor da pele e textura de cabelo sendo associadas como um indicador de classe: os traços físicos associados à negritude são associados à pobreza. Essa relutância em reconhecer a base racial de dinâmicas discriminatórias, ou a tendência a creditá-las a motivos alheios a raça, é encontrada também quando os informantes avaliam a sua experiência nos Estados Unidos. Ainda que percebam ser racializados como não-brancos e indiquem uma prevalência do racismo na sociedade estadunidense, os migrantes creditam as experiências discriminatórias de que são alvo como fundadas no seu status ilegal no país estrangeiro - e não ao racismo. Ao avaliar como os novos entendimentos sobre raça dos migrantes afetam as relações locais, a autora depara-se novamente com barreiras ao debate aberto sobre raça entre os retornados e familiares que ficaram em Governador Valadares. Com isso, os impactos da experiência de migração para as relações raciais valadarenses são minimizadas. A autora cogita, porém, que eles podem ser graduais e quase imperceptíveis.

No capítulo 6, Joseph volta-se a explorar o que chama de “consequências sociais” da ótica racial transnacional, isto é, a apreciar como a experiência de migração pode alterar discursos raciais e noções de desigualdade racial no nível macro. Mais uma vez, a autora encontra diferenças significativas por grupo de cor quanto aos impactos da ótica transnacional racial nas ideias sobre raça. Entre brancos, ela constata, após o retorno, uma maior percepção do racismo estrutural brasileiro e a compreensão sobre as diferenças entre a categoria “brancos” no Brasil e em âmbito transnacional, já que esta última comporta um maior grau de “pureza”. Entre os pardos, Joseph vê uma maior apreciação da fluidez das categorias raciais brasileiras quando voltam a Governador Valadares, que lhes permite distanciar-se do pólo racialmente discriminado. Por fim, para os pretos, a autora não encontra grandes transformações: eles já se deparavam com o racismo em suas versões aberta e sutil no Brasil, antes da migração, e também tiveram que lidar com ele nos Estados Unidos. Aqueles classificados como pretos no Brasil depararam-se, porém, com barreiras linguísticas, culturais e socioeconômicas a dificultar a criação de laços de solidariedade com os negros americanos de classe média. Ao mesmo tempo, o contato com este grupo lhes forneceu uma lente comparativa para reinterpretar sua posição no Brasil, percebida como ainda mais desvantajosa do que avaliavam antes da migração.

As considerações anteriores embasam o que vem a ser a pedra fundamental da proposta analítica de Joseph na obra. A partir de suas análises anteriores, a autora propõe que ótica racial transnacional impacta a forma como os retornados avaliam sua posição social e a das pessoas com quem interagem, na sociedade de origem e na anfitriã. Além disso, Joseph defende que ela influencia a maneira como os retornados pensam as categorias raciais, a discriminação e a estratificação racial. Para a autora, quando os migrantes voltam ao Brasil, as transformações mais visíveis são: um investimento



transnacional na brancura; uma visão mais nuançada em relação à posição dos negros na sociedade brasileira e um maior nível de engajamento cívico. O investimento na brancura, além da compreensão de uma maior exclusividade da categoria branca nos Estados Unidos, engloba a preferência por relacionar-se com parceiros mais claros do que si próprios. A marginalização dos negros brasileiros, embora mais evidente na ocasião do retorno, é lida por brancos e pardos como resultado de uma falta de engajamento do próprio grupo marginalizado em lutas por transformações sociais. Nesse sentido, o fato de que negros como Barack Obama e Oprah Winfrey ocupam lugares de destaque na sociedade americana é utilizado como argumento para descreditar a necessidade de cotas raciais para acesso às universidades públicas brasileiras. Ao mesmo tempo, a apreciação de negros estadunidenses de classe média como bonitos é utilizada para reforçar a visão dos negros brasileiros como feios e pobres. Por fim, os brasileiros que retornaram a Governador Valadares apontam para o engajamento cívico como um caminho para combater a discriminação e as desigualdades de base racial. Tendo em vista as considerações anteriores, a autora argumenta que as trocas entre os migrantes retornados e os locais - ou seja, no nível micro - podem influenciar comportamentos e atitudes raciais, atingindo, gradualmente, repercussões mais amplas - de nível macro. Portanto, a movimentação de pessoas entre países - conclui Joseph - tem impactos significativos para a remodelação das formações raciais.

Ainda que a pesquisa abordada pelo livro seja bastante sensível e acurada em seu propósito de capturar sutis mudanças no nível micro, entendo que as conclusões sobre transformações no nível macro estão menos fundamentadas na obra. Se há indícios que justifiquem cogitar a sua existência, apreendê-las e compreendê-las talvez exigisse mesmo a realização de uma segunda investigação ou o emprego de metodologias outras. Além disso, embora Joseph tenha que se remeter a todo momento a um contínuo diálogo sobre raça que perpassa as

autoimagens brasileira e estadunidense, a formação racial de cada país é tomada, em geral, como um processo isolado. Como sua proposta é justamente estudar como raça se constrói e reconstrói globalmente, os argumentos da autora ganhariam mais força se ela adotasse uma visão mais contínua dos fluxos que historicamente constroem as imagens sobre raça no Brasil e nos Estados Unidos.

A meu ver, estas questões não reduzem a qualidade e a importância do livro. Ao tomar como foco de estudo uma cidade do interior de Minas Gerais, Joseph contribui para o deslocamento dos estudos sobre relações raciais brasileiras para além de regiões como Rio de Janeiro e Salvador - que, conquanto relevantes, não agregam a totalidade das dinâmicas raciais nacionais. Outro ponto positivo é a compreensão da ótica racial transnacional como dotada de uma natureza psicossocial. Isso permite à autora, em primeiro lugar, comparar as imagens retratadas pelos entrevistados com o quadro descrito por dados e achados de outras pesquisas sem que, com isso, ela tenha que desconsiderar a sua relevância ou tachá-las como ilusões. Em segundo lugar, a perspectiva empregada lhe permite observar como as visões dos indivíduos são influenciadas por seu posicionamento nas escalas de hierarquias raciais de cada sociedade. Por fim, ao conjugar articulações entre discursos sobre raça, experiências vividas e processos contínuos e contextuais de racialização, o livro tem ainda o mérito de desenvolver uma análise multifacetada e dinâmica que se mostra necessária e adequada a um mundo que se define cada vez mais pelo movimento.

## REFERÊNCIAS

JOSEPH, Tiffany D. *Race on the Move: Brazilian Migrants and the Global Reconstruction of Race*. Palo Alto: Stanford University Press, 2015.

OMI, Michael. WINANT, Howard. *Racial Formation in the United States: From the 1960s to the 1990s*. New York; London: Routledge 1994.

ROYAL, Charmaine D. M.; DUNSTON, Georgia M. Changing the paradigm from “race” to human genome variation. *Nature Genetics*, New York, v. 36, n. 11, p. 5–7, 2004.